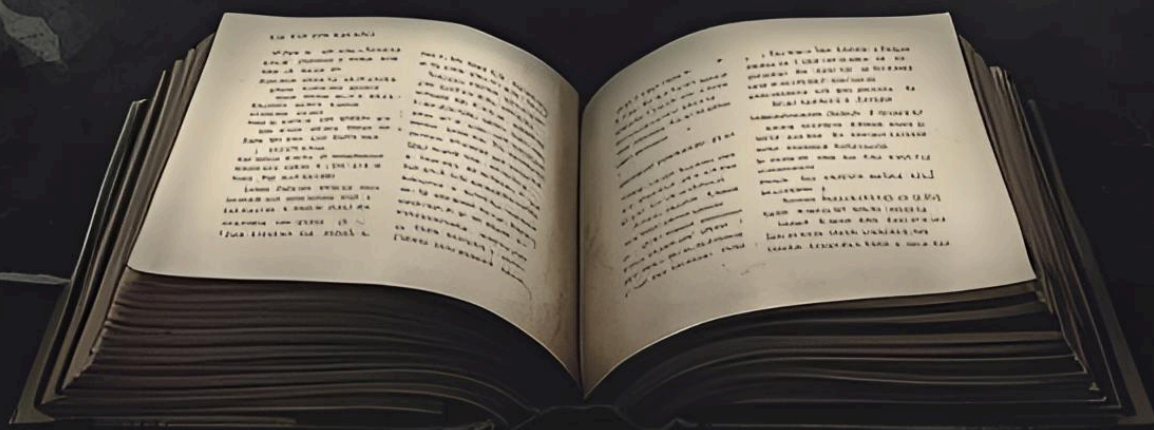




Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem

DOSSIÊ TEMÁTICO



EDUCAÇÃO ENTRE AS CAPAS

LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA PÚBLICA

V. 4 - N. 7 - 2026

SUMÁRIO

Editorial: Tecido a Seis Mãos

Diego Pinto de Sousa, Cristiano Antônio dos Reis e Márcia Baronio de Góis

I Concurso Literário: Poesia

- Se (if) — A tua herança que está no passado, se mantém no nosso futuro 6
Marcelo Eduardo Mendes
- A luz que tocou a sombra 7
Julya Vitória Machado Leite
- Entre a razão e o amor 8
Amanda Munik Santos Silva
- Alma Nostálgica 9
Ana Beatriz Silva Moura
- Comissária 10
Ana Carolina Dias Alves

I Concurso Literário: Conto

- Suspiro 11
Isabelly Lima Amorim
- Lápis, papel e mão 14
Maria Fernanda Marques Gonçalves Cardoso
- A casa de leite 15
Joyce Cristina Souza Gonçalves
- Contradição à encontro 18
Graziella da Costa Bonifácio
- A menina com os cabelos flamejantes 21
Maria Celeste Rodrigues da Cunha
- O sonho a esperar 23
Marcelly Almeida Mafra dos Santos
- O condomínio amarrado 26
Yasmim Vitória Marchesi Campos
- Última chance 28
Yasmin Gabrielly Borges Cardoso Silva

II Concurso Literário: **Desenhos**

Cultura Mato-grossense <i>Marcelly Almeida Mafra dos Santos</i>	32
Sentimentos <i>Brenda Borsandi</i>	33
Sentimentos <i>Beatriz Matos Jorge</i>	34
Destaques <i>Cinthia Freitas Lima</i>	35
Destaques <i>Maria Fernanda Marques Gonçalves Cardoso</i>	36

II Concurso Literário: **Sonetos**

Ciclo de Tempo <i>Yohan Thalles Cabral Soares</i>	37
Pôr do sol 2 <i>Ana Claudia Delmondes Ferreira</i>	38
Camarão artista <i>Hadassa Pereira Brasil</i>	39
O Homem dá impureza <i>Ádyla Victória Macedo da Silva</i>	40

II Concurso Literário: **Minicontos**

A lua escolherá <i>Vitoria Souza Ortega</i>	41
Eleonora e a cabeça de peixe <i>Isabelly Lima Amorim</i>	42
Minha amada <i>Dhiego Henrique Pereira Gonzaga</i>	43
Pôr do sol <i>Ana Claudia Delmondes Ferreira</i>	44
Narrativa sobre Lucy <i>Bianca Nunes Ribeiro</i>	45
As portas <i>Roggert Souza Santana</i>	46
Cachecol vermelho <i>João Vitor Rodrigues Almeida</i>	47
A menina que mudava de forma <i>Yohan Thalles Cabral Soares</i>	48

Posfácio: Oásis na Desertificação Escolar	50
--	-----------

Tecido a Seis Mãos

Uma montanha de livros que ia do chão ao teto, despejada no centro de uma sala, rodeada por algumas prateleiras de madeira e de ferro. Essa foi a visão que tive [Profa. Márcia], em 2013, ao ser conduzida para minha nova função como professora readequada: organizar a Biblioteca Escolar após dezoito meses de reforma.

Desespero? Não. Imediatamente, veio a minha mente à lembrança da primeira biblioteca que conheci, aos onze anos, na quinta série do ensino fundamental. Para uma menina vinda da roça, onde o único livro que conheceu fora sua cartilha “Caminho Suave”, a visão daquela Biblioteca me pareceu algo fantástico, nunca havia imaginado que pudesse haver um lugar como aquele, tão mágico, tão organizado, tão disponível...

Essa memória despertou em mim o desejo imediato: “vou transformar esse lugar em algo relevante, quero que todos que entrarem aqui encontrem encantamento, acolhimento, conhecimento e cultura”. Mas como organizar uma biblioteca escolar para que seja funcional e atrativa? Dilema literário e pedagógico vivenciando por todos estes anos...

Finalmente, em 2025, as sementes jogadas pelo caminho germinaram, floresceram e produziram suculentos frutos. Criamos, por iniciativa dos alunos, o Clube de Leitura “Entre as Capas”.

Nesse cenário [Prof. Cristiano], o ecossistema da biblioteca renasceu como um “oásis” no meio do deserto tornando-se um ponto de acolhida, de passagem e de apoio para alguns estudantes que encontraram nesse espaço escolar uma oportunidade inigualável para desenvolver suas paixões pela leitura trocando ideias, experiências, afetos e projeções sobre o mundo.

Creio que nesse ponto, atingimos a importância da leitura, pois, não se trata de uma mera decodificação de informações, mas ser afetado pela leitura a tal ponto que o mundo do jeito que está já não basta, mundo este marcado pela mediocridade das informações veiculadas pelas mídias sociais.

Na minha trajetória de vida, tanto como um estudante de escola pública, como de um professor de história, o ato de ler e de escrever foi uma “linha de fuga” e “resistência”. Como diria o filósofo Gilles Deleuze, a leitura e a escrita podem ser uma forma de me conectar com o mundo e ganhar novas lentes para enxergá-lo melhor, em outras palavras, uma ampliação de repertório para problematizar e agir no mundo.

Por essa perspectiva, cada curadoria de leitura trazida pelos estudantes e professores possibilitou a mim e acredito, entre os demais membros do clube da leitura, um espaço de aprendizado coletivo marcado pela horizontalidade do saber e pelo compromisso de

experienciar várias formas de leitura que certamente reverberaram na produção escrita nas nossas oficinas, tertúlias literárias e concurso de escrita e desenho.

Nota-se, nas linhas alinhavadas e partilhadas por Cris e Márcia mais acima, que a coletânea aqui apresentada transcende seus limites. Representa sonhos e labores anteriores que se traduziram em uma veste plenamente inacabada em nosso último ano letivo [Prof. Diego]. Por meio das atividades do Clube de Leitura Entre as Capas, essa costura do tempo encontrou uma forma diversa e bela de se manifestar em diferentes frentes de atuação no plano da leitura e da escrita literária construídas defronte a todas as barreiras popularmente conhecidas no contexto da escola pública brasileira.

Particularmente, aqui reverberamos os verdadeiros protagonistas desse Ateliê de palavras: os estudantes que venceram diferentes categorias das duas Edições do Concurso Literário realizadas nos meses de julho e de novembro de 2025 na Escola Estadual Dr. Estevão Alves Corrêa oferecidos para alunos participantes ou não do Clube de Leitura.

Como poderá ser visto há uma riqueza temática e estilística nos textos destes novos escritores. Seja no plano da poesia, na qualidade estética dos desenhos ou na esfera das narrativas ver-se-á a potência e originalidade na produção artística dos alunos. Essa fortuna criativa foi organizada em duas seções fundamentais: I e II Concurso Literário. As subdivisões abrigam os gêneros literários presentes em cada uma das edições do Concurso. No I Concurso Literário será possível ler Poesias e Contos, além de textos que, apesar de não acenarem como vencedores, mereceram destaque e o direito de compor essa coletânea.

Na parte do II Concurso Literário, por sua vez, os gêneros Sonetos, Desenhos e Minicontos assumem protagonismo. Somados a estes também foram incluídas produções que se destacaram para além dos três vencedores em cada categoria.

Com um total de 25 jovens autores e 29 produções artísticas, o **Dossiê Temático Educação Entre as Capas: Leitura e Escrita na Escola Pública** constitui-se um tecido que testifica e carrega consigo a assinatura vivencial de adolescentes da zona periférica de Cuiabá, MT. Vozes regionais que, como a boa literatura, tangenciam experiências humanas universais. Linhas, palavras e raízes traduzidas na capa deste dossiê que aponta o milagre fértil que a leitura de um livro e a escrita de um texto, mesmo em solo mais árido, podem produzir.

Nosso agradecimento sincero e homenagem, aos autores, a todos aqueles que militam em solo escolar e aos editores da Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (RIEL) por oferecer ao Chão da Escola a oportunidade e o espaço de falar e para ser ouvido.

Desejamos que tenham uma leitura revigorante em tempos tão sombrios!

Diego, Cristiano e Márcia

I Concurso Literário: Poesias

Se(if) - A tua herança que está no passado, se mantém no nosso futuro

Marcelo Eduardo Mendes

3º Ano do Ensino Médio

M entrescapas25@gmail.com

Se te lembras do sangue que corre em teu peito,
Da cor que carrega histórias de reis e rainhas,
Se conheces o peso da dor e do preconceito,
Mas ainda assim, te manténs de pé, firme como teus ancestrais.

Se caminhas por ruas que negam tua glória,
E mesmo assim plantastes beleza em cada passo,
Se manténs viva a tua memória,
E não deixas que te apaguem com ódio ou descaso.
Se és capaz de dançar quando o mundo te cala,
De sorrir com os olhos cansados da luta,
Se tua pele, tão rica, ainda é alvo de fala,
Mas tu segues, com tua fé absoluta.

Se és capaz de erguer a cabeça em um espaço que não te vê,
E ser presença, mesmo onde te querem ausência,
Se entendes que viver já é resistir — e o saber, teu poder,
Então carregas contigo a força da tua essência.
Se valorizas o batuque, a trança, o xirê,
E não deixas que zombem do que é teu,
Se sabes que o que herdaste não é para esconder,
Mas para lembrar que teu passado construiu o que é "meu".

Se olhas para o espelho e reconheces tua realza,
Mesmo que tentem te vender inferioridade,
Se aprendes com tua história e com tua beleza,
E devolves ao mundo a verdade com dignidade...
Então, és mais que sobrevivente — és herdeiro.
Filho da África, raiz do Brasil inteiro.
És ponte entre o ontem e o amanhã,
És preto, e isso basta: tu já és o seu passado.

Dedicatória

"Essa é para você que não virou comida de tubarão"

— Racionais

A luz que tocou a sombra

Julya Vitoria Machado Leite

1º Ano do Ensino Médio

 entrescapas25@gmail.com

Eu devolvo à luz que salvou o mundo,
A sombra que a ela pertence sem dor.
Vi-te num silêncio pesado e profundo,
Mas teu olhar não lembrava o amor.

És a luz que acende o céu mais fecundo,
E o espectro do amor que me encontrou.
Teu olhar atravessa o mais profundo
Pra lembrar o que em nós se apagou.

Na escuridão, surge o eclipse
Que ilumina o meu olhar.
Sempre foste a minha lua,
E só a ti vou amar.

Alma nostálgica

Ana Beatriz Silva Moura

1º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

No meio da noite, as lembranças
Daquilo que nunca mais voltará,
Ecoam na mente as mudanças
Que o tempo sempre fará.

Mas mesmo que o tempo nos leve,
As marcas seguem a memorar,
Que tudo que um dia se perde,
Pode um dia se transformar.

E no ciclo infinito da saudade,
Floresce, enfim, a liberdade.
Deixamos a chuva melancólica,
Dando lugar à luz simbólica.

Comissária

Ana Carolina Dias Alves

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

No céu azul
Sinto meu coração
Ir de Norte a Sul
Mudando em cada estação.

Um sonho que saiu do papel
Para ser vivido com emoção
Tornou-se real, com um toque especial
Mesmo nunca ter entrado naquele avião.

Voei nas asas da minha imaginação
Me encantei com cada pôr do sol
Que via com muita admiração
Cada lugar se tornou especial.

Não precisei entrar naquele avião
Pois meu coração já sentia ter
A liberdade em cada viver
Onde as asas levam o meu ser.

I Concurso Literário: Contos

Suspiro

Isabelly Lima Amorim

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Eleonora estava trabalhando meio período no açougue do tio durante as férias. Com o festival do Primeiro Florescer se aproximando, o estabelecimento ficava cada vez mais cheio e ocupado. Não a mandavam fazer muito de uma vez, era muito lerda. Ou estava no caixa, ou colando os pedidos na parede, ou limpando peixe no balcão, coisas assim.

Seu ambiente de trabalho era sujo, ao olhar os uniformes dos trabalhadores era possível imaginar o caos que era lá dentro, lugarzinho pequeno e escondido entre lojas maiores na rua da feira. Muito barulho também.

A noite caiu, Eleonora foi mandada para fora tomar um ar. Naqueles poucos minutos de menos barulho, sentada num banco atrás do açougue, Eleonora encontrou serenidade ao observar a movimentação da rua de trás: lixo rolava solto, ratos se encolhiam em cantos escuros e pessoas apressadas pegavam atalho ali.

Seus olhos começaram a pesar, tirou a máscara para esfregar o rosto com as mãos sujas. Olhou para cima e com os olhos bem abertos encarou a luz do poste até seus olhos arderem. Quando isso aconteceu, Eleonora fechou os olhos e ouviu um *looongo* suspiro vindo do céu. Ainda de olhos fechados, com a cabeça para cima, estranhou que tudo tinha ficado tão silencioso. Abriu os olhos, demorou um pouco, mas o barulho voltou, talvez até em um volume maior.

Levantou em um pulo, a máscara em punho enquanto procurava quem havia suspirado. Foi até a calçada, olhou para os dois lados da estrada, até debaixo do banco ela fez questão de checar. Não havia ninguém junto dela.

A porta dos fundos foi escancarada com um baque, e a larga figura de seu tio apareceu ali. “Vamos pra casa, o turno da noite já chega pra ajudar.” Eleonora piscou algumas vezes antes de reagir, indo em sua direção. “O que foi? O que tá fazendo aí? Vamos, anda.”

Ele virou as costas e ia atravessando lentamente o corredor, Eleonora ultrapassou seus passos com uma pressa anormal e parou na frente dele, bloqueando a passagem.

“O senhor ouviu aquilo?”

“O que?”

“Um suspiro, bem alto, veio do céu”

O tio alcançou sua testa com as costas da mão.

“Um suspiro?”

“Sim”

“Como assim um suspiro?”

“Quando alguém está cansado ou apaixonado, suspira, não é assim?”

“Ah...”

Quando chegaram em casa, deram a Eleonora um gole de um xarope e uma boa noite de sono.

Eleonora desde então passou a encarar o céu com aflito, esperando ouvir de novo alguma coisa, algum sinal. E se realmente fosse um sinal, o que queria dizer? O que ela deveria fazer? Se fosse algo tão sério, por que aquele suspiro, tão profundo quanto o mar, foi tão breve? E por que ela foi a escolhida para ouvi-lo?

Entrava e saía de salas carregando um motivo nobre nas costas, proclamada pelos celestiais a atravessar a linha entre o mundano e o segredo.

Ainda caminhava lento, de cabeça baixa para não se sobrepôr aos demais.

Passou o tempo e nada de uma explicação. Eleonora aproveitou o contexto das férias e chamou uma amiga próxima para sair de casa e ajudar no festival, andando calmamente pelo calçadão, agora decorado com seda púrpura e pingentes de ouro, cada uma segurando uma caixa com tecidos e comida. Eleonora tocou no assunto pouco tempo depois do encontro.

“Nossa, que esquisito...” não disse mais nada por um momento “E você não notou nada de diferente desde então?”

“Pior que não, Vera”

“Deve ter algo de errado, você tem certeza de que estava sozinha mesmo?” Eleonora confirmou “Não sei como te aconselhar, eu ignoraria se fosse você”.

“Foi tudo tão real, se realmente algum deus entrou em contato comigo, mostrar resistência ao chamado não é uma afronta?”

“ . . . ” Vera freou suas ações e encarou com choque as sérias expressões da outra.

“ . . . ” Eleonora tombou a cabeça para o lado quando percebeu que a amiga havia parado de segui-la, já tinha uns 30 passos.

Decidiram fazer uma pausa, se acostaram nas caixas colocadas no chão e secaram o suor do rosto com a barra da blusa. Eleonora seguiu com o olhar uma borboleta.

“Por que não volta lá?” Sugeriu Vera, Eleonora se volta para ela “Se querem algo de você... Então... Deveriam entregar um manual ou algo assim”

Eleonora concordou firmemente e voltou na mesma noite para o açougue. Trabalhou cometendo muitos erros, pensava demais sobre o que deveria perguntar se alguém realmente lhe respondesse. Logo foi mandada para fora, de novo.

Essa era a oportunidade perfeita, mas as palavras simplesmente não saíam de sua boca. Estava em pé, sonhando acordada com o desfecho de sua história que tomou uma curva absurda só com um suspiro. Sentiu a boca secar, um arrepio percorreu o corpo.

Deveria voltar para dentro, tinha quase certeza de que alguém chamou seu nome.

Antes mesmo de alcançar a porta ela ouviu de novo, um suspiro vindo do céu.

Deu meia volta só para perder a força dos joelhos e desfalecer por um momento, agarrou o braço do banco como suporte, que, com o súbito impulso, declinou e ruiu junto dela ao chão.

Estatelada, o braço preso sob o banco, Eleonora se sentia atordoada o suficiente, até ouvir uma risada que rompeu o silêncio e denunciou Antonieta, uma colega de trabalho, que observava tudo sem ser notada. Sabe se lá a quanto tempo estava ali, deitada no telhado, matando trabalho.

Ela se apressou, mesmo que Eleonora não estivesse chorando, desceu pela escada de emergência e a auxiliou fora do banco.

“Você tá bem?” Antonieta estende a mão.

“A quanto tempo... Você tá ali em cima?”

“Até bem antes de você chegar, eu te assustei?”

“ . . . ” Eleonora se desapontou muitíssimo ao notar que o suspiro de agora e do outro dia eram os mesmos.

Mais tarde, com o braço enfaixado e devidamente repreendidas pelo acidente e por abandonarem seus postos, as duas se sentaram na calçada em frente ao açougue. Eleonora permaneceu em silêncio perante a todas as tentativas de Antonieta socializar. Não explicou nada. Já não havia mais glória, nem agonia. Apenas pendeu a cabeça para baixo, mergulhando em uma vergonha que a acompanharia durante muito tempo.

Lápis, papel e mão

Maria Fernanda Marques
Gonçalves Cardoso

1º Ano do Ensino Médio

 entrescapas25@gmail.com

Em uma mesa havia uma folha em branco. Isolada e abandonada. Até que, de repente, um Lápis com sua amiga Mão surgiu:

- Por que está tão deprimido, Papel?
- Ninguém quer escrever ou desenhar em mim - expressou o Papel desolado

Lápis então pede ajuda da Mão para preencher o Papel. E Mão com confiança e paciência, começou a encher a o Papel de resmungos e palavras.

Porém, com o tempo que passava, Mão começava a ficar mais estressada e mais pressionava o Lápis que, ao perceber o comportamento de sua amiga, tenta acalmá-la:

- Mão, se acalme, todo erro que cometemos pode ser consertado, só é necessário ter paciência.

Entretanto, a mão não deu ouvidos ao Lápis, pois queria que fosse perfeito e não percebia que estava machucando o Lápis e o Papel. Mas inesperadamente, quando Mão tentou apagar o traço forte que fez, amassou o Papel:

- Se acalme, se continuar assim, você machucará mais pessoas que ama - explicou papel agonizando de dor. Então, novamente, Mão não escutou os seus amigos.

Então, quando Mão colocou mais pressão rígida ao Lápis, acabou quebrando seu amigo. Mão tentou apagar os erros que cometeu, mas era impossível, e seu apontador não queria apontar o Lápis sabendo do que aconteceu. E a escrita e os desenhos que Mão havia feito, foram esvaçados por ela mesma.

Mão não queria machucar ninguém, ela queria que Papel não se sentisse mais vazio. Porém, ao invés de retirar o vazio de alguém, acabou se contaminando. Ficou cego e destruiu tudo que tocou e tudo que tinha por dentro.

A casa de leite

Joyce Cristina Souza Gonçalves

2º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Quando Millena tinha 16 anos se olhava no espelho, algo estava errado seu cabelo era volumoso demais, sua pele era escura, seu nariz gigante, e o que mais a incomodava era seu corpo. Era cheio, suas coxas gigantes, sua barriga tinha até dobrinhas. Certa noite estava sentada no sofá até que um comercial chamou sua atenção. No comercial uma garota magra com suas curvas a mostra, seu cabelo era liso como seda, sua pele era branca como neve, hidratada e brilhante como de uma boneca, seus dentes eram branquinhos e cintilantes como porcelana, então a garota se inclinou e exclamou.

- Quer ser bonita como eu? Venha e marque sua cirurgia.

Millena olha para a televisão depois pra si mesma então desvia o olhar, já sua mãe olha impressionada e então saiu para o seu quarto. Millena viu a cena, mas não se importou e foi dormir. No dia seguinte sua mãe entra em seu quarto todo bagunçado cheio de posters de modelos famosas como Adriana Lima, Gisele Bündchen, Kendall Jenner e Bella Hadid sua mãe olha em volta, salgadinhos, doces, garrafas, caderno e canetas espalhados pelo quarto e então se senta na cama e acorda a filha balançando delicadamente.

- Filha, vamos! Temos uma consulta marcada, muito importante então se apresse, e depois limpe este quarto disse a mãe saindo.

Millena se levanta ainda sonolenta e então vai ao banheiro cambaleando, ela se olha no espelho e em seus olhos vermelhos de tantas lágrimas derramadas no calão da noite silenciosa. Então Millena toma seu banho, mal conseguindo olhar para seu corpo, se sentindo minúscula perto daquelas paredes enormes que cobriam seu corpo, sentia um frio na barriga, mas não pela água e sim por não entender o que a incomodava tanto. Quando Millena termina se volta ao espelho ainda achando seu rosto horrível, mas mesmo assim vai ao seu quarto. Percebe que sua calça favorita nem a servia mais, então pegou um vestido longo e o vestiu, olhou-se no espelho achando estranho.

Então terminou de se arrumar e vai na sala esperando sua mãe, quando ela finalmente sai de seu quarto ela está totalmente elegante com um colar de pérolas, seu cabelo liso, seu vestido florado favorito e sua maquiagem impecável.

- Mãe, aonde nós vamos?

Disse a menina confusa olhando a mãe de cima a baixo vendo que ela estava elegante demais para uma simples consulta.

- Millena, você logo verá então vamos logo, nós temos horário.

Millena assentiu e foi com ela. Depois de alguns minutos elas estavam em um lugar estranho, uma clínica chamada "Casa Leche". Achou meio estranho o lugar, mas não falou nada e entrou junto de sua mãe. Lá dentro era tudo branco e com móveis detalhados em cinza e preto, o lugar era frio e nada reconfortante, então se virou e olhou sua mãe falando com a atendente, logo depois a mulher saiu, e outra mulher com um jaleco branco foi na direção de Millena.

- Prazer, Millena, eu sou a Dr. Velma, espero que nos demos bem.

- Bom, vamos para a sala, disse a mulher sorrindo (com um sorriso meio forçado).

Então Millena a acompanha olhando para trás, para ver a sua Mãe. Logo ela entra em uma sala estranha e a doutora pega um espelho e o coloca em sua frente.

- O que você acha, Millena? O que você vê? Você gosta?

Millena fica atordoada com as palavras da doutora, então olha para o espelho, observando todo o seu rosto.

-Não, eu não me acho bonita... Disse ela lacrimejando. A doutora tocou em seu rosto e disse: "Minha Querida, agora você vai ficar irreconhecível de tão bela!

A menina assentiu e deitou-se para realizar a cirurgia. Viu o sedativo sendo aplicado e, como última visão, uma mulher com um bisturi e as luzes piscando. Horas depois ela começou abrir os olhos. Mesmo com sua visão totalmente embaçada, vai ao banheiro para

se ver e lá estava outra pessoa: cabelos lisos e loiros, sua pele, antes negra, agora branquinha como a da modelo. Seu corpo parecendo um violão, estava tudo perfeito.

- Quem é essa garota...?! Disse a menina totalmente incrédula. A porta do quarto se abriu e a doutora entrou sorrindo, a menina correu e a abraçou agradecendo por deixá-la "bonita". Logo depois a menina foi embora com sua Mãe, ambas sorrindo e alegres.

Passaram-se algumas semanas e a menina continuava a fazer novos procedimentos, cada vez mais extremos. Antes tinha bochechas largas e joviais, agora elas estão flácidas e acabadas. Certo dia, quando foi ao banheiro, estava se maquiando até que viu um vulto atrás dela. Encarou melhor e entendeu o que era na verdade: era ela... Ela de verdade! Sem plásticas ou maquiagens, apenas aquela doce garotinha esquecida e abandonada por si mesma.

A garota entra em choque e começa a chorar pedindo perdão a si. Pega seu celular....

No dia seguinte, a Mãe vê o celular da Millena, senta-se no sofá e dá play em um vídeo:

- "Eu sou bonita agora, mas eu não consigo entender o porquê me acho ainda feia... Toda vez que olho no espelho eu não me reconheço, me acho estranha.... Irreconhecível.... Então eu espero que a senhora me perdoe, por não ser a sua garotinha perfeita".

A garota pega um frasco de remédio peculiar e engole várias pílulas com dificuldade. Sua mãe termina o vídeo chorando descontroladamente, entendendo que a beleza nem sempre é importante.

Contradição à encontro

Graziella da Costa Bonifácio

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Nada nunca foi fácil para Pérola... Complicado. O mundo era preto e branco, como se não houvesse vida: a solidão. Talvez porque ela se importava demais — ou de menos. A realidade nunca souo como uma coisa agradável... até a chegada dele. Ele a iluminava, trazia vida, florescia, transbordava, supria, sorria, mantinha, controlava, estressava, encabulava, transtornava, efêmera. Por que se entregar? Ela não devia nada a ele, quanto menos ele a ela. Algo a dizia que sim. Já que mandou uma mensagem de texto chamando-o para andar. Naquela noite fria, Pérola se encontraria com o “amor da vida”. A animação tomava conta do coração dela, fazendo-a se arrumar uma hora antes.

Quem sabe aquele momento fosse a virada de chave. Uma mudança que estava tão perto, mas tão longe. Ao descer as escadas, a notificação ecoou na tela do telefone, deixando-a ciente de que ele chegara. E lá ele estava, radiante, com um pingo de mistério envolto à sua pele. Seu olhar sobre ela poderia dizer que tudo mudaria naquele instante: a esperança de um mundo melhor — ou de um caos eterno. No fim, tudo virava dúvida quando o fim se tratava dele. Isso assustava a pobre, perdida e perfeita Pérola. O reencontro, após tanto tempo, deixava a desejar, dadas as consequências do último encontro.

Após um abraço rápido, ela colocou as mãos para trás e caminhou calmamente ao lado do homem. Nas costas, cutucava a cutícula do próprio dedo com a ponta da unha de gel. Aquela noite poderia ser a pior de todas ou a melhor. O silêncio que pairou entre eles, quando ele cessou a fala, foi quase constrangedor. Fazia meses que não nos víamos ou nos falávamos, e, para Pérola, isso era motivo de vergonha — algo perceptível pelas bochechas coradas e pelo olhar fixo nos próprios pés.

Jordan, talvez, se preocupasse com o rumo da noite ou com o fato de a garota não estar se expressando. Em poucos segundos, voltou a falar, atraindo o olhar dela com um semblante mais sério. Ao final de suas perguntas, Pérola respondeu com um leve sorriso e ajeitou o cabelo suavemente.

— Eu estudei bastante. Lembra que eu fazia faculdade? Estou me saindo melhor nos estudos. Não costumo ir a festas, prefiro um bar, muita bebida ou a paz de casa... com bebida, claro. Mas os meses foram solitários — disse Pérola, suspirando por uma tristeza profunda. — Quase não recebo ninguém em casa, além de você, meu irmão e meu sobrinho. Como eles sumiram, fiquei bastante sozinha, o que me ajudou a focar mais na faculdade. E como estão as coisas por lá?

Ela soltou as mãos das costas, sentindo o frio na extensão da pele, e tocou a própria calça, batucando os dedos levemente. Sentia um frio na barriga, como se algo estivesse errado. O olhar permanecia constante no mais alto, permitindo que o observasse como antes. Pérola andava ao lado de Jordan, tentando não pensar na sensação estranha que estava sentindo. De repente, ele parou e falou:

— Pérola, você precisa me ouvir.

Ela parou de andar, sentindo um aperto no peito. Forçou um sorriso e o olhou.

— O que aconteceu?

— Tudo isso, Pérola... Eu, isso... não passa de uma mentira que você contou para você mesma.

As palavras tocaram no fundo da alma da mulher. Ela negou com a cabeça, tentando afastar as lembranças: noites vazias, conversas sem resposta, mensagens que talvez nunca tenham sido enviadas. Será que aquilo era mesmo real? Não, não, Pérola. Está tudo bem, tudo sob controle, ela pensava.

— Não — sussurrou, quase avançando nele —. Você está aqui, querido. Eu estou vendo você!

— Porque você quer acreditar nisso, Pérola — murmurou, e a voz se distanciava como se ele fosse sumir a qualquer momento. Pérola esticou as mãos para tocá-lo, mas foi em vão; Jordan não estava ali.

Na calçada daquela rua, naquela noite fria, ela percebeu o que sempre ignorou: ele nunca esteve com ela.

Ela sabia disso desde o início.

A luz branca apareceu devagar, como se estivesse acordando de um coma. O chão asfaltado virou um piso liso. O vento desapareceu e, no lugar, apenas um ar seco se fez presente. Pérola abriu os olhos e percebeu que estava deitada em uma cama pequena.

— Pérola? — ouviu uma voz preocupada. Uma mulher de jaleco estava ali, segurando uma prancheta nas mãos e encarando a mais nova. — Você está bem?

— Ele estava aqui... — sussurrou, com as mãos ainda trêmulas. A mulher suspirou, o olhar atencioso quase sentia pena da garota sentada.

— Vamos conversar depois, tá? Agora, descanse, querida.

Pérola viu a mulher sair e trancar a porta. A garota finalmente entendia onde estava: num quarto de um hospital psiquiátrico. Mas, mesmo ali, no silêncio, ainda podia ouvir a voz de Jordan — e isso era o que mais dava medo.

A menina com os cabelos flamejantes

Maria Celeste Rodrigues
da Cunha

3º Ano do Ensino Médio

 entrescapas25@gmail.com

Há muito tempo, o Rei César II, do Reino de Astraea, se apaixonou perdidamente por uma nobre donzela. Os dois se casaram no campo, em um clima primaveril. Com o tempo, a rainha concebeu um menino que se deu o nome: César III.

Os anos se passaram e, enfim, chegou o momento do jovem príncipe assumir o trono de Astraea. Mas, antes, ele precisava se casar. O rei mandou seus escribas avisarem a todas as moças do reino sobre a busca por uma futura rainha. Passaram-se dias e dias, e muitas donzelas foram ao castelo. O príncipe as conheceu, uma a uma, mas nenhuma o encantava. Uma era alta demais, outra, baixa demais. Uma parecia quase perfeita, mas não gostava de música clássica. Outra era linda, porém, mal-educada.

Chegou um momento em que o príncipe pensou em desistir da procura. Parecia que ninguém seria boa o suficiente para ele. Mas, quase ao entardecer do dia, apareceu uma moça. Ela tinha cabelos flamejantes, olhos mais verdes que as folhas novas de uma árvore e uma pele mais branca que a mais pura neve. Ela era linda e tinha um nome mais lindo ainda: Stella. Bastou um olhar, e o príncipe se apaixonou perdidamente. Soube, no mesmo instante, que seria ela sua amada rainha.

Ela era perfeita. Mas escondia um segredo... Era uma espiã enviada pelo reino vizinho Estrelar, infiltrada com a missão de descobrir segredos do castelo e enfraquecer a linhagem real. Ela foi criada com um propósito, e esse propósito era servir ao seu reino. Porém, o inesperado aconteceu: ela se apaixonou pelo príncipe.

Diante dos acontecimentos, ela precisava fazer uma escolha que mudaria sua vida por completo. Ela sempre foi leal ao seu reino e a quem ela servia. Contudo, Stella se viu apaixonada perdidamente por César III, e pela primeira vez, se sentiu alguém especial, sentiu-se como alguém que poderia finalmente mudar seu passado, alguém que não precisaria mais viver às escondidas. Então, prontamente ela escolheu o que seu coração mandou: casar-se com o príncipe.

Os dois se casaram em uma linda cerimônia à luz do dia, no majestoso castelo, ao som de belas músicas da era barroca. Os dois dançavam como nunca, a felicidade estampava em seus rostos e o cabelo da mais nova rainha voava como um pássaro livre. Eles estavam realmente radiantes. E assim, Stella deixou seu passado de espiã para trás e os dois viveram felizes para sempre!

O sonho a esperar

Marcelly Almeida Mafra
dos Santos

8º Ano do Ensino Fundamental

 entrescapas25@gmail.com

“Eu quero expressar a minha liberdade capturando o mundo e sua beleza em perspectivas diferentes.”

— AAHAHAHAHAHAHAHA!!! TIA-SÔÔÔÔÔÔ, ESTOU CHEGANDO!!!

Gritou uma garota, chamada Lia, correndo de uma matilha de cachorros que estavam atrás dela. Tinha uma pequena, velha câmera em suas mãos e a segurou com muita força durante toda a corrida. Ao fim da rua, na área de uma casa, estava uma mulher observando a garota, que logo se separou dos cachorros e chegou à “Tia-Sô”, sua considerada “mentora” que amava fotografar tanto quanto Lia e a apoiou no seu sonho de ser fotógrafa; mas, várias inseguranças desanimavam a menina ultimamente.

Lia chegou à casa de Soraia — ou conhecida como “Tia-Sô” — e entregou sua câmera, com a galeria de fotos que tirou anteriormente. Enquanto Soraia percebeu todos os elementos que a ensinou naquelas fotos, Lia ficou virando sua cabeça para um lado e para o outro, parando e encarando para suas fotos de araras, flores, tatus e nuvens laranjas do pôr do sol.

— Tia-Sô, olha... por algum motivo eu “num” acho que sou feita para ser fotógrafa. Essa câmera é a única que eu tenho, mas... as fotos “num” estão boas. — disse a garota, um pouco cabisbaixa.

— Quê? Como assim, menina? — Soraia disse, virando a câmera para Lia, e as duas olhando para as fotografias.

— As fotos estão lindas! Olha a iluminação, o enquadramento! E outra, todo mundo que “cê” conhece te apoia no eu sonho, né? Por que você ficou assim, do nada?

Faziam nem vinte minutos que Lia estava contente e animada, mas naquela hora não parava de achar defeitos em sua arte. Depois disso, Lia disse:

— Uhum, obrigada, Tia. “Num” sei, só acho que... talvez “num” tenho os recursos pra ser uma fotógrafa. Principalmente uma profissional. Mas, sei lá, vou ver o que vou fazer.

Um dia se passou, Lia tirou algumas fotos dos louros de sua casa. A bateria acabava, mas logo carregava, e passava o dia. No outro, tirou outras fotos de abelhas em volta dos hibiscos. O dia se passou, outro chegou, e ela simplesmente parou de fotografar. As pessoas de sua escola logo começaram a perguntar sobre sua câmera e sua arte, pois tudo aquilo era o que ela mais conhecia.

Passaram-se mais alguns dias. Era cinco da tarde, ou talvez noite, por conta do inverno, e Lia estava voltando para casa depois de mais um longo dia de escola. Nesse dia, havia escutado uma palestra sobre o futuro dos alunos e sobre a falta de motivação deles.

Desde pequena, Lia era apoiada e a própria já sabia o que queria ser quando crescer. “Tia” Soraia foi a adulta que mais a ajudou no seu sonho e introduziu Lia a novas pessoas, que a admiraram. Entretanto, fazia já um tempo que as condições da família da jovem estavam piorando; logo o futuro que mais via dos seus sonhos ficava cada vez mais embaçado. Durante o tédio de andar até sua casa, ficou pensando: “Muitas pessoas querem ser enfermeiras, ‘num’ é? Ou professor, ou cantor, ou policial, ou, ou, ou... ...imagina todo mundo conseguir esses sucessos! Todos os meus amigos sucederem na vida com seus sonhos!

Eu também quero. Mas será que consigo ser uma fotógrafa, mesmo sem ter um bom equipamento, sem ter estudado fotografia por semanas e sem saber se meu futuro realmente dará certo ou se arte ainda será tão apreciada?”

— Oooiê, menina! Faz uns dias que não te via!! Como “cê” tá, Lia? Você parece meio tristonha esses dias!

Do outro lado da rua, estava Soraia, perto de dois cachorros à sua volta, e os acariciava. Lia a viu, deu um leve sorriso e afirmou:

— Ah, ooi, tia, eu tô bem, só tô pensativa esses dias...! Como você tá?

— Hum, “tendi”! Eu estava preocupada com “ocê”, eu tinha até falado com tua mãe! Mas lembra, viu, “cê” pode descansar o quanto quiser, só não se force demais! Você é nova, então aproveite seu tempo e procure fazer o que você ama, por hobby ou não!

Lia acenou com a cabeça e as mãos e continuou andando. Logo depois, Soraia adiciona:

— Ah!!! Fala para sua mãe que mandei um abraço para ela também!!!

— ‘Tá bom, tchau, Tia-Sô!! Tchaaaaauuuu!!

Ao chegar em casa, ela foi direto para seu quarto e pegou do seu armário sua câmera. Lia ficou pensando no que Soraia disse, além de lembrar de seus amigos que também a ajudava e apoiava. Não tinha nada para fotografar dentro de seu quarto, por isso foi para o quintal de sua casa, onde no muro estava um tucano. O sol estava se pondo, e as nuvens estavam com um belo tom de rosa. Lia se agachou e procurou um bom ângulo para capturar o que viu.

— Um “hobby”, né? — murmurou para si mesma, e tirou duas fotos. Olhou bem, e no fim gostou. “Então está tudo bem isso tudo ser um hobby?... as pessoas à minha volta também gostam do que eu faço. Eu posso esperar, também.

Eu não quero olhar para essas fotos lembrando do meu nervosismo com o futuro, até porque quando eu crescer eu vou com certeza querer ver essas memórias nessa câmera, que até lá eu provavelmente vou esquecer muita coisa”, Lia pensou. Virou sua cabeça para um lado e depois para o outro, e, quando virou, viu sua mãe.

— Cê voltou com suas artes, né?! — disse ela, sorrindo para Lia.

— Vem cá, mãe, eu quero tirar uma foto sua agora!

No mesmo ângulo que tirou do tucano no muro, estava a mãe de Lia. Ela ajustou sua roupa casual que estava vestindo, posou e “xis!”. A menina viu a foto, sorriu e mostrou para sua mãe.

— Hahahaaaa!!! A foto ficou linda, Lia!! Um dia, quando eu puder, eu compro umas molduras para suas fotos, ok?

— Ah, tá bom mãe. Enquanto isso eu vou ficar procurando o que tirar foto, hehe!

Lia durante esses dias começou a aproveitar o presente, reconhecendo seus limites e apenas seguindo em frente, estudando para seu sonho se realizar. Sua paixão pelo que fazia e o amor pelas pessoas a sua volta inspirou ela a continuar. Naquela pequena câmera, até o seu fim, ficou muitas memórias diferentes e definitivamente o trajeto da vida de todos ao redor de Lia.

O condomínio amarrado

Yasmim Vitória Marchesi
Campos

1º Ano do Ensino Médio

 entrescapas25@gmail.com

Tudo começou com um jogo idiota entre cinco adolescentes: "verdade ou desafio?" Pyetro nunca quis demonstrar fraqueza, então foi no desafio a única forma de tentar mostrar a si mesmo que não era mais um moleque frágil. O desafio veio, sua única missão era entrar no condomínio que foi abandonado em 1850, desde então ninguém teve a coragem de morar mais ali depois dos moradores desaparecer por completo.

O condomínio ficava na rua de trás da casa do Lucas, um dos adolescentes. Mesmo sabendo do perigo, Pyetro foi. Chegando lá não dava para ver nada, só estava um cheiro insuportável de carne podre que tomava conta do lugar inteiro. Querendo cumprir com o combinado e logo sair, Pyetro subiu cada andar sem hesitar, tinha várias portas cheio de desenhos, e cada porta transmitia um ruído diferente.

Passando pelo primeiro andar, não se via nada de diferente além dos barulhos estranhos. No terceiro andar, Pietro escutava vozes quase choros, pedindo por socorro, cada vez que subia tudo piorava e mesmo assim continuou. No sexto andar o cheiro de carne podre só piorava, o sangue jorrado no chão era mais visível. No oitavo e último andar havia uma porta aberta no fim do corredor.

Por curiosidade, Pyetro entrou. Tudo estava tampado com um pano branco, alguns deles manchados que tomavam conta do meio no tecido, janelas pichadas e quebradas... a única luz que entrava vinha da rua. Na parede fotos de pessoas desconhecidas e uma frase dizendo, "tudo que entra não sai, agora você paga pelo preço". A porta logo se fechou e Pyetro tentou abrir com toda sua força, fracassando.

O celular já não pegava mais sinal e, nesse momento, as janelas traziam, com o vento forte frio, uma poeira grossa acompanhada de folhas seca da árvore mais florida do condomínio. O mau odor vinha só de dentro e se espalhava para o lado de fora e mesmo ele tentando pedir ajuda nenhuma pessoa o escutava...

A cada um de seus gritos, apareciam sombras dos antigos moradores, pois suas almas nunca foram libertas. Depois daquela noite, Pyetro nunca mais voltou para casa e sumiu sem deixar rastro... Ninguém quis tocar no assunto de "verdade ou desafio" mas, dizem que, às vezes, quem passa pelo prédio à noite vê o menino parado na janela do oitavo andar quieto, imóvel apenas com os olhos vazios como quem pedem por ajuda até hoje.

Última chance

Yasmin Gabrielly Borges
Cardoso Silva

2º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Davy, um garoto de 16 anos que, apesar da pouca idade, uma grande conturbação o invadia. Com o divórcio dos pais e a perda da sua irmãzinha, tudo virou um caos. Atualmente, morava com a mãe narcisista, que transformava absolutamente tudo em problema. Ele se sentia culpado de alguma forma. Sentia falta da união familiar que possuía antes, dos momentos bons que nunca voltariam a acontecer.

Infelizmente a vida escolar de Davy não foi das melhores. Era um dos melhores alunos da sala — e até mesmo da escola. Suas notas caíram muito desde todos esses problemas. Talvez estivesse até mesmo em depressão. Seus amigos, que antes o chamavam para sair, estavam em qualquer momento de farra, agora não existiam mais. Ele estava sozinho, num vazio, como se fosse o único em um deserto sem fim. Seus professores e coordenadores notaram o seu mau rendimento escolar e a queda de suas notas, mas nada fizeram. Sua escola não era acolhedora, não se importavam com os problemas pessoais dos alunos.

Um certo dia, quando completava mais um mês desde a morte de sua irmã, que faleceu aos cinco anos devido a um câncer, Davy passou o dia todo abalado. Seus olhos marejados entregavam sua tristeza, sua mágoa contida. Na sala de aula, sua cabeça só ficava abaixada na mesa, com a mente em outro lugar bem distante dali. Estava perdido, sem rumo algum. Davy permaneceu daquele jeito durante todas as aulas antes do intervalo.

Quando o sinal tocou, todos saíram, exceto um grupinho de má influência — já que eram conhecidos pelo vício em drogas. Felipe, Miguel e Richard ao verem a situação do colega de classe, caminharam rindo até ele. Chegando em sua mesa, o cutucaram, fazendo com que o mesmo levantasse a cabeça. Sua expressão pálida e abatida impressionou os garotos que, após o susto inicial, soltaram um riso irônico, de como se soubessem a solução para resolver os problemas dele.

— Qual é, Davy? Sai dessa, irmão. — Felipe, rindo, entregou um baseado para ele. Davy, de imediato, encarou e negou com a cabeça, mas os três passaram a insistir. Devido à pressão que fizeram, Davy acabou aceitando. Pegou o baseado e colocou em sua boca.

Miguel puxou um isqueiro do bolso e acendeu para ele, que logo deu uma tragada. De imediato, foi estranho. Uma sensação diferente, quase insuportável. Entretanto, após alguns segundos, parecia que tudo subiu para a mente. E, neste momento, seus problemas se aliviaram. Ele se levantou, ficou em pé, soltou um riso nasal e logo sentiu a mão de um dos garotos em seu ombro. Abriram a porta da sala, e seguiram para fora. Davy foi guiado por seus novos “amigos” para um local mais afastado e escondido na escola.

Fumaram, e desde ali, tudo piorou.

Nos dias seguintes, o garoto começou a fumar com frequência, em influência dos outros garotos. Passaram a andar sempre juntos, os quatro, naquele ciclo sem fim. Davy acreditava que havia melhorado, que seus problemas haviam passado. Não voltava cedo para casa e trocou sua vida caseira entediante por uma realidade falsa, alucinada, em uma imaginação inexistente que se esforçava para acreditar que era real, mesmo que não fosse.

Numa das diversas noites sob efeito de drogas, cansado de ouvir sua mãe falando mais absurdos, culpando o primeiro que encontrasse pela frente, cansado de sentir falta de um passado que não voltaria — risadas, conversas em família, passeios, momentos simples e bobos que se tornaram especiais em seu coração — Davy estava perdido. Naquela noite, parecia que nem mesmo a droga era capaz de fazê-lo fugir dos problemas.

Ele estava mal, mandou mensagem para seus novos amigos contando disso — e não foi respondido. Ali, Davy percebeu que não tinha amigos, que eles só o queriam nos momentos “bons”, nos momentos de soltar a fumaça para o ar.

Cansado de absolutamente tudo, andou sozinho pelas ruas da cidade, até passar na frente de uma casa que havia fama de amaldiçoada. Obviamente o garoto nunca acreditou nisso, pois não acreditava em fantasmas. Para ele, era tudo um grande papo furado. Então, parou em frente à entrada da residência, deu uma tragada no baseado e entrou. Ele ria

baixinho, se negando a acreditar que várias pessoas de fato acreditavam em fantasma, espíritos, coisas do tipo. Viu um banquinho próximo da porta de entrada da casa, numa pequena área coberta. Lá, sentou-se e continuou fumando, perdido em seus problemas.

De repente, um arrepio forte veio na espinha, o fazendo paralisar por alguns segundos. Do nada, uma voz ecoou por seus ouvidos e quando virou seu rosto pôde ver a silhueta de um homem pálido, com os olhos quase vermelhos e uma expressão de infeliz. Possuía um colar com a inicial “J”, utilizava uma camisa branca, suja, e uma calça velha e rasgada.

— Você não acredita em fantasmas, mas eu acredito em garotos como você.

Davy piscou forte algumas vezes, tentando certificar-se de que não estava delirando. Ele balançou a cabeça algumas vezes, sentiu suas mãos ficando quentes e uma sensação estranha o invadia aquele momento. Aquilo era mesmo real? Não era efeito de drogas? Parecia que naquele instante o clima havia ficado tenso. O ar parecia pesado e um frio repentino vinha contra sua pele, lhe causando arrepios dos pés a cabeça. O som das folhas das árvores eram mais altos agora, o som enferrujado de uma antena velha em cima da casa e seu próprio coração batendo mais forte, alto o suficiente para que ele mesmo pudesse ouvir dali. Apesar disso, Davy ficou paralisado. Não gritou, não fugiu, não se mexeu. Apenas ouviu.

— Eu achei que estava no controle. Que era forte. Que estava vencendo todos os meus problemas. Mas no fim, fui só mais um que desistiu cedo demais. — disse ele. Aquilo tocou o coração de Davy. Parecia que finalmente havia despertado e a ficha caiu.

Percebeu o erro que estava causando em sua própria vida e não pôde evitar as lágrimas que agora escorriam de seus olhos. Era como se ele estivesse vendo o reflexo do seu próprio futuro.

— Diferente de mim, que seguiu o mesmo caminho que você está seguindo e acabei morrendo com isso, você tem escolha. Você ainda pode mudar isso. Você tem esperança, tem livre arbítrio de mudar tudo isso que está acontecendo na sua vida. (aqui parece a voz falando com Davy)

Davy não disse nada, apenas sentiu, usufruiu de cada palavra que ouviu e as deixou tocar seu coração.

— Eu também pensei que conseguiria segurar o caos. Mas o vício me venceu. E, diferente de você, eu não vi ninguém pra me avisar. (aqui parece a voz de novo falando com Davy). Quando piscou os olhos mais uma vez, não viu a figura lá. A alma daquele homem

havia desaparecido. Um homem que não descansou em paz porque não viveu, se arrependeu de não ter vivido. Teve uma vida difícil, se entregou às drogas e acabou tendo uma overdose naquela casa.

Desde então, sua alma nunca ficou em paz, porque ele queria mudar o que não pôde ser mudado enquanto ainda estava vivo. Davy sentiu medo, mas ao mesmo tempo se sentiu sufocado por não poder ter feito nenhuma pergunta ao homem que viu. Queria respostas para suas perguntas, queria saber mais, mas não pôde. Porém, somente aquilo já era o suficiente para mudar sua vida e sua visão. Aquilo foi mais que o suficiente para fazê-lo repensar em suas ações e apontar mais um pouco de esperança e forças para se levantar. Naquela noite, o garoto voltou para sua casa. Aquele acontecimento não saía de sua mente, e por incrível que pareça havia mudado completamente sua vida.

No dia seguinte, a vontade de fumar apertou, novamente ofereceram drogas a ele, mas ele recusou. A vontade bateu forte, uma necessidade que ele conseguiu conter. Toda vez que ele pensava em colocar novamente um cigarro em sua boca, se lembrava de José. Ele investigou mais sobre o antigo dono daquela casa, e descobriu algumas coisas sobre aquele homem. Ficou completamente chocado quando teve a certeza que era exatamente aquele homem que havia conversado com ele.

Davy cresceu, amadureceu e venceu o vício. Conseguiu crescer na vida, abriu um grupo de jovens que espalhavam este relato e ajudavam garotos que passavam por coisas parecidas. O nome desse projeto foi “Nunca é Tarde”, em uma homenagem ao que havia acontecido naquela noite.

Ele agradecia diversas vezes silenciosamente por aquele acontecimento, um acontecimento que mudou sua vida para sempre. Agora, era como se sua própria alma descansasse em paz, sem culpa, sem fardo. Conseguiu criar sua própria família, nunca mais voltou àquela casa e descobriu um propósito em sua vida, que era ajudar o máximo de pessoas que conseguisse.

I Concurso Literário: Desenhos

Cultura Mato-grossense

Marcelly Almeida Mafra
dos Santos

8º Ano do Ensino Fundamental

M entrescapas25@gmail.com

O desenho de Marcelly celebra a cultura mato-grossense ao retratar milho verde, pamonha e rua interiorana ao pôr do sol, bandeira do Estado ao vento, personagens conversando e uma capivara descansando. O desenho evoca afetos, sabores e memórias de festas, quintais e convivências típicas do cotidiano regional.



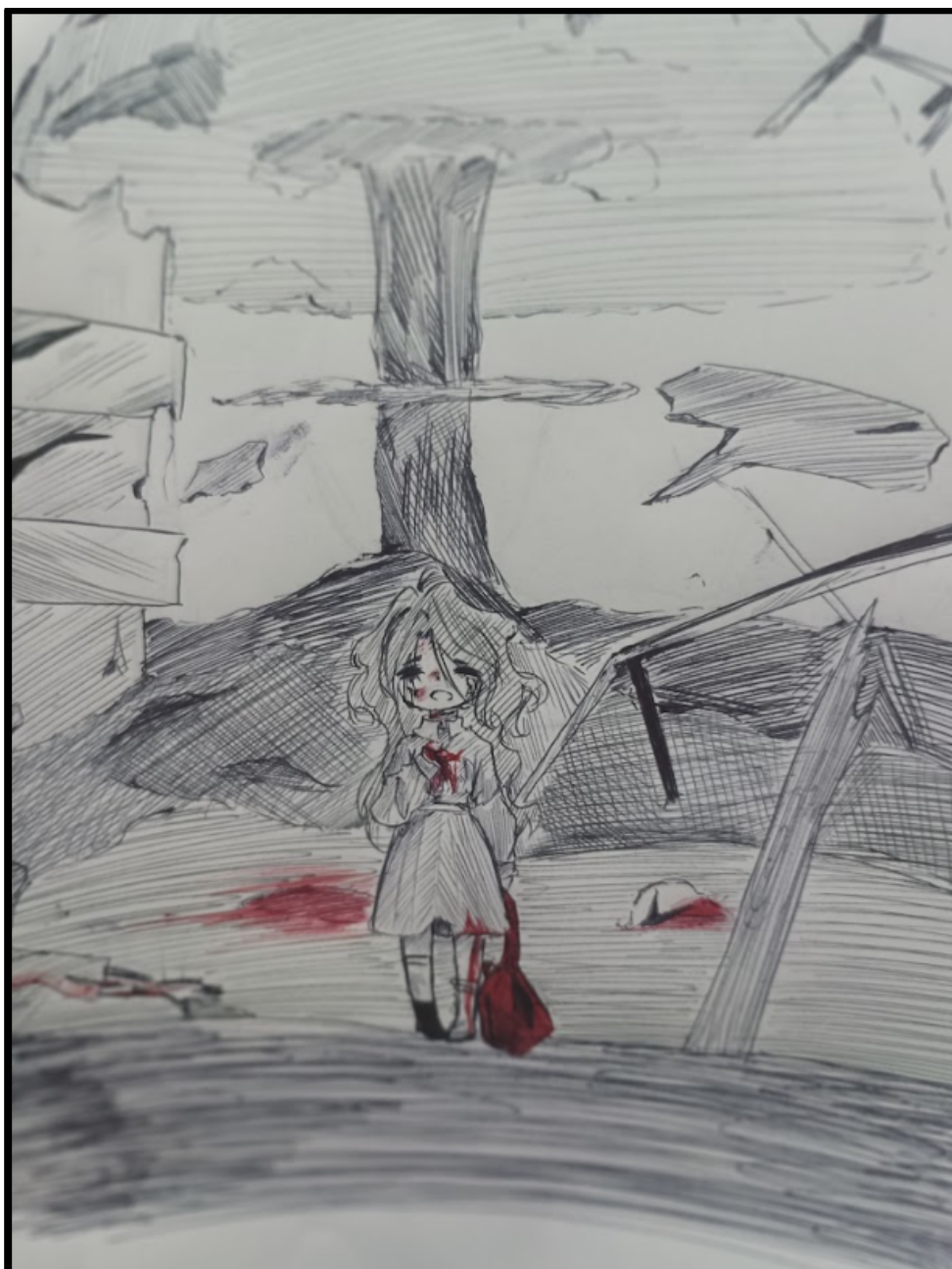
Sentimentos

Brenda Borsandi

3º Ano do Ensino Médio

 entrescapas25@gmail.com

O desenho em nanquim evoca sentimentos profundos de solidão e tristeza ao retratar uma garota de vestido aparentemente branco e mochila vermelha, com X no peito e sangue no chão. Ela está parada sob árvore imponente em espaço abandonado, céu nublado e objetos quebrados, transmitindo melancolia, perda e vulnerabilidade.



Sentimentos

Beatriz Matos Jorge

2º Ano do Ensino Médio

 entrescapas25@gmail.com

Desenho em arte vibrante explora sentimentos através de rosto chorando e uma sobrecarga sensorial em uma composição surreal e colorida. Há uma explosão psicodélica de emoções: girassóis, flores, frutas, estrelas, animais, fantasma chorando, doces e o texto "Pessoas são feitas de emoções", o que simboliza caos emocional e tristeza.



Sentimentos

Cynthia Freitas Lima

3º Ano do Ensino Médio

M entrescapas25@gmail.com

Ilustração intitulada "Culpa Silenciosa - A Dor de Uma Vítima" retrata sentimentos de tristeza profunda com uma menina de olhos lacrimejantes, vestido roxo-azulado, abraçando coelho de pelúcia, coração dourado no peito, fantasmas rindo "HA HA HA", nuvens escuras e legenda de emoções: vergonha, tristeza, medo, culpa, etc. evocando abandono e isolamento emocional.



Sentimentos

Maria Fernanda Marques
Gonçalves Cardoso

1º Ano do Ensino Médio

✉ entrescapas25@gmail.com

Esse desenho festivo transmite sentimentos de alegria e orgulho cultural com um casal cartoonizado: homem verde e mulher azul em trajes típicos, dançando com bandeira do Mato Grosso ao lado de tucano, flores, confetes e grama vibrante. Estão celebrando união, felicidade e identidade regional em uma festa animada.



II Concurso Literário: Sonetos

Ciclo de Tempo

Yohan Thalles Cabral Soares

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

No fluxo constante e veloz dos rios
Correm as águas do passado
Em seus corpos frios e esguios
Renovando-se, deixando toda dor de lado

Correm em destino às suas sinas
Estreitando e alargando-se em suas vias
Visando no horizonte desaguar em esperança
No futuro de um mar que criará novas lembranças...

Suas origens remontam os primórdios
Muito além da existência humana
Subterrâneos temporais, verdadeiros depósitos.

Emergidos em sua corrente soberana
Buscamos em seu meio algum propósito
Atados a sua jornada, como frágil porcelana.

Pôr do sol 2

Ana Claudia Delmondes Ferreira

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Nunca vi o pôr do sol com afeição,
Preferindo a luz do amanhecer,
O tom marrom da partida, a dor a crescer,
Mas hoje, com novos olhos, dou atenção.

Contando o tempo até sua ação,
Levantei a vista, pronto a perceber,
As cores suaves, um amor a alvorecer.
Que ao meu coração traz doce canção.

O tempo, com risada a me enganar,
Rouba o ritmo da alegria ardente,
E a esperança se vai, como um luar.

Fecho os olhos, busco o calor presente,
Pois ao se pôr, o sol, em seu andar,
Leva meu riso, num gesto tão latente

Camarão artista

Hadassa Pereira Brasil

1º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Na cor vermelha o pintor busca a luz,
E curva o corpo à tela, em manso zelo;
A dor da espinha em chama o reduz,
Mas nasce o sonho, em tom de amargo apelo.

Na tinta, o mar de anseios se traduz,
E o laranja embriaga o seu destelo;
A arte, espelho atroz, ao céu conduz,
Enquanto o azul lhe invade o amarelado pelo.

Em cores vive, e nelas se destrói,
Artista tristonho, em sal e pó,
Camarão pintando o tempo gasto.

Na tela, a vida encontra o seu suporte;
Na arte, o abrigo contra a sorte,
E o crustáceo acha enfim seu pasto.

O homem dá impureza

Âdyla Victória Macedo da Silva

2º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Afinal, qual é o lugar com mais riqueza?
O que mais sofre quando o homem traz maldade?

O que ele fere sem mostrar nenhuma
bondade?

Mas esse lugar sempre foi símbolo de
pureza.

Esse lugar concreto é a própria natureza,
Que, com todo seu carinho e seu capricho,
Cuida de todos nós e de cada bicho,
E ainda sim recebe a dor da nossa
insensatez.

E então o homem com todo seu eco,
tomado seu ego,
Com o coração vazio que não sabe amar,
Aos poucos foi destruindo o canto e o seu soar,

Pois acha que cuidar da terra é um
sacrifício,
E perde o dom de ver que ali sempre foi
seu lar,
Jogando fora o que chama, à toa, de
desperdício.

II Concurso Literário: Minicontos

A lua escolherá

Vitoria Souza Ortega

2º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

A luz da lua era a única a infiltrar-se na escuridão da floresta. O chão, ainda úmido pela chuva, exalava o cheiro terroso. Eu respirava no mesmo ritmo dos passos, enquanto a ventania balançava nossas túnicas e aljavas. Atalanta seguia à frente, ágil e veloz como as lendas diziam. Cada passo dela era suave, quase divino.

- Elektra, pare - ordenou Atalanta, erguendo uma das mãos. Sua voz rompeu a quietude como um estalo no silêncio. - Ele está logo à frente.

- De quem... está falando? - murmurei, sentindo um mau presságio.

- Estamos no coração do julgamento. Aqui provarás se és digna de servir à deusa Ártemis.

Deverás conseguir ferir a pele do Minotauro.

Antes que eu pudesse responder, um rugido ecoou pelas árvores, fazendo a terra tremer. Me virei e percebi que Atalanta havia sumido, comecei a suar frio.

A fera apareceu entre a mata num piscar de olhos. O corpo colossal e bestial, enfeitado por uma cabeça de touro, era tão hediondo que parecia ter sido forjado nas profundezas do Tártaro. Engoli em seco, puxei o arco e me preparei, lancei uma flecha, mas errou o alvo.

O Minotauro arrancou um tronco do chão e o arremessou contra mim. Desviei e desabei no chão.

Ao cair, rasguei a perna, e o peito queimava em pura adrenalina. Levantei-me com uma dor latejante. "Nessas condições, não conseguiria nem me acovardar, nem lutar", pensei.

- Concentre-se, Elektra - soou a voz distante de Atalanta - Jamais se deve perder o foco em um duelo.

A criatura rugiu ensurdecidamente e avançou em minha direção. Meu coração parecia que ia saltar do peito. Fiquei em posição, sentindo a lua reluzir sobre mim, como se me desse forças. Ele corria aberto e exposto. Concentrei-me, mirei e atirei, e a flecha cravou-se em seu olho. Ele desmanchou em névoa. Um alívio percorreu meu corpo, e eu caí no chão, sentindo minha perna ferida em contato com a terra úmida.

A lua brilhou mais forte. A deusa surgiu, celestial e imponente, e meus pelos se arrepiaram quando ela inclinou a cabeça em aprovação.

Eleonora e a cabeça de peixe

Isabelly Lima Amorim

3º Ano do Ensino Médio

 entrescapas25@gmail.com

Era um dia normal para todos os humildes trabalhadores do açougue, menos para Eleonora que se apaixonou por uma sereia.

Para todos, a linda criatura parcialmente livre dentro de uma banheira com água e gelo nos fundos do estabelecimento era apenas mercadoria. Mas para a jovem recém arrebatada pela ternura, ela era seu primeiro amor.

Eleonora se escondeu depois de fecharem e passaram a noite conversando. Agachada nos pés da banheira, suportando o frio e o desafeto de um chão meio sujo de sangue e pegadas de pés que saíam e entravam, alimentando a realidade de que sua amada estava na fila do abate havia tempo. Uma noite foi o suficiente. Amava. Amava muito. Amava mais ainda já que sabia que seu tempo era limitado. Logo o sol sairia, os trabalhadores voltariam e a sereia estaria em pedaços, embalada em plástico filme. Declarou uma lucidez terrível de fugirem juntas, mas a outra moça sorriu, meneou a cabeça. Quais as chances disso dar certo?

Já passava da madrugada quando Eleo foi embora, arrastada de dor e saudade. Arrependida quanto ao passado, desalentada no presente e sem esperanças no futuro, se deitou e dormiu o sono dos derrotados.

Não queria ir trabalhar no outro dia. De sentença confirmada, chegaria e não encontraria ela lá. E se insistisse? Ela cederia? Fugiriam para o rio ou banho mais próximo, viveriam sem condenações assim? Saiu de casa correndo com isso em mente.

É uma pena que na vitrine do açougue a sereia já era exposta, junto de outros três peixes comuns.

Minha amada

Dhiego Henrique Pereira Gonzaga

2º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Minha Amada, teu sorriso é tão lindo, seus cabelos cacheados são como um belo anoitecer, sua pele aos poucos vai apodrecendo, mas contínuas tão bela.

Não sei o motivo de você ter me deixado, mas agora somos só eu e você, nada mais pode nos separar, nem mesmo a morte.

Pôr do sol

Ana Claudia Delmondes Ferreira

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Nunca fui de ver o pôr do sol. Preferi sempre ver o seu nascer do que o seu morrer. Esse tom marrom de despedida me incomodava, porém neste dia resolvi vê-lo com outros olhos. contei no relógio até sua partida, e assim que deu a hora, levantei a vista.

Suas cores que antes me causava melancolia, agora apresenta tons carinhosos de um amor juvenil cheio de pureza. Percebo que o sol me doa o seu horário de despedida. Nesse momento me sinto privilegiada. Sentimentos infantis e um leve nervosismo. O vento começa a esfriar, me causa arrepios. Risos bobos devido ao momento. Não entendo o momento. Breve momento. Os raios límpidos e alaranjado aquecem a alma, de repente vem a gratidão. Embora o sol já quase some, ainda o vejo. Sua pequena parte à mostra, lembra lábios encurvados para baixo. Tristeza. O vermelho alaranjado do céu começa a mudar, o seu tom agora passa para um rosado escuro e assim se vai. E vai levando consigo minha felicidade, minha satisfação vai se acabando.

O tempo me sabota e me lança uma piada de mau gosto. Sinto aos poucos o coração perder o ritmo frenético da alegria esperançosa. Fecho os olhos para absorver o calor do sol. O sol se põe e leva com ele o meu sorriso.

Narrativas sobre Lucy

Bianca Nunes Ribeiro

1º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

O céu estava azul quando Lucy acordou, porém tudo o que a menina enxergava eram cinzas. Ao olhar pela janela, o celular em suas mãos treme levemente: acaba de receber a notícia de que sua amiga se foi. A última mensagem da menina em sua tela: 'A primeira pessoa que eu vou mandar mensagem amanhã quando eu acordar vai ser você!'

Então, com um suspiro, seu olhar marejado pousa sobre uma foto na parede. Ela se levanta e vai até lá, onde se via uma menina que não aparenta ter mais do que seus 10: cabelos enrolados cor de ouro, olhos expressivos cor de mogno, sorriso brilhante como o sol, numa cama de hospital, abraçada a outra menina, cabelos enrolados cor de obsidiana, olhos escuros como cacau, tão expressivos quanto os de sua amiga, com um sorriso grande.

Os dedos de Lucy pousam sobre a foto, seus olhos castanhos repousando sobre a menina de cabelos dourados. Um suspiro, uma lágrima e, então, um pequeno sorriso.

- Agora você verdadeiramente brilha como as estrelas...

As portas

Roggert Souza Santana

2º Ano do Ensino Médio

 entrescapas25@gmail.com

Em um quarto completamente branco, sem portas ou janelas, encontrei a mim mesmo, frente a frente como uma exata cópia do meu ser.

Durante nossa descontraída conversa, meu clone insistia em parar para me lembrar: "não se esqueça de fechar..." sem entender, continuei o diálogo. Quando novamente a interrupção: "você PRECISA fechar LOGO!". Procurando o que seria, ignoro o alerta.

Ao notar meu clone surtar, se levantar e gritar descontroladamente: "VOCÊ PRECISA FECHAR CARA, VOCÊ ESTÁ EM PERIGO!". Com falta de ar e coração acelerado, acordo na madrugada com a vista para a janela, árvores se balançando lá fora, sinto um vento frio entrar.

Ao me virar, vejo todas as portas abertas: as portas do guarda-roupas com um breu interno, enquanto a porta do quarto batia com a ventania. Escuto minha gata saindo da cama desesperada como nunca visto antes, agoniada, querendo me alertar algo que eu não sabia. Inconformado de como tudo foi deixado aberto, levanto-me rapidamente para fechar as portas.

Minha visão fica turva, me seguro no batente da porta, sinto uma densa presença que pesa meus pulmões. A minha frente vejo uma mulher da altura do forro, de poucos cabelos, com um vestido velho rasgado, unhas grandes, e pele apodrecida com a boca cheia de larvas pretas cabeludas caindo.

Perco o controle do meu corpo, e desmaio. Acordo com os miados da minha gata, levanto-me atento como uma coruja, não havia mais ninguém na porta do meu quarto. Aproveito e corro fechando tudo rapidamente. Coloco minha gata na cama, cubro os meus pés, e aguardo o amanhecer horrorizado, para poder tentar dormir novamente.

Cachecol vermelho

João Vitor Rodrigues Almeida

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

A vida é feita de momentos, sejam alegres ou tristes. Estou sentada na varanda de casa, com meu cachecol vermelho, enquanto as folhas de outono tomam conta do chão. O vento levava meus pensamentos para o dia 13 de outubro... Um jantar de amigos, os olhos dele ficavam vazios para mim, como se não quisessem a minha presença. Logo meus pensamentos foram até o dia 18, nós dois correndo sobre um campo de girassóis, você me segurava em suas costas. Um milhão de pensamentos até o nosso fim, foi o suficiente para perceber que eu gostaria de ser quem eu era antes...

É difícil seguir em frente quando alguém fez parte da maioria dos momentos da sua vida.

Eu não o amo mais. Mas, as lembranças... Ah, essas continuam pulsando. Algumas doces, outras amargas — todas minhas. Todas reais.

Respirei fundo, me levantei da cadeira e caminhei até a porta.

Porque às vezes lembrar dói.

Mas esquecer... talvez doa ainda mais.

A menina que mudava de forma

Yohan Thalles Cabral Soares

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Era Uma Vez uma menininha que podia se transformar no que quisesse, ela queria ter muitos amigos. Um dia solitária ela avistou algumas crianças com pele verde brilhante. Ela pensou: “se transformar minha pele em verde talvez eles gostem de mim...” Ela transformou sua pele, mas coçava muito. As crianças acharam sua pele esmeralda bela e ficaram o dia conversando. No outro dia, ela viu outras crianças que possuíam uma cauda espiral. Ela pensou: “se eu criar uma cauda espiral talvez eles gostem de mim...” Ela criou a cauda, mas era pesada demais. As crianças viram sua cauda majestosa e passaram o dia brincando. No dia após esse ela viu outras crianças, que exibiam chifres. Ela pensou: “se eu fizer nascer um chifre na minha cabeça talvez eles gostem de mim...” Ela fez nascer um chifre, mas fazia ela perder o equilíbrio. As crianças admiraram seu chifre e a chamaram para brincar na floresta. Enquanto brincavam a menina se perdeu dos amigos. Perdida e sozinha pensou: “Essa pele coça, essa cauda pesa e esse chifre desequilibra, preciso me transformar de volta.” Mas já não se lembrava como era antes e não conseguia voltar. Sem esperanças ela começou a chorar. O choro acordou um camaleão de chifres que dormia num galho acima dela. Ele perguntou:

- “Por que está chorando?”
- “Perdi meus amigos, eles se esqueceram de mim, agora não me lembro quem eu era.”

O camaleão de chifres olhou a menina e disse:

- “Menina, não vê que essa sua pele verde é de tinta? Sua cauda é presa com fita? E seu chifre é de papelão? Se livre disso!”

A menina fez isso, e então se sentiu livre e alegre de novo. O camaleão de chifres desceu no tronco da árvore, a encarou e disse:

- “Criança, não tente se fantasiar e ser o que não é, não passa de um camaleão que se transforma para sobreviver. Não se esqueça de quem é e, assim, quem realmente importa jamais se esquecerá de você.”



Oásis na Desertificação Escolar

Em tempos de avanço tecnológico e redesenhos expressivos na teia social, tempos em que a educação é devorada, para o bem e para o mal, pela Inteligência Artificial e por dilemas sociais, o espaço escolar por muitas vezes se apresenta aos estudantes como um ambiente hostil, aterrador, inseguro e propenso a vigorar a “lei do mais forte”. Embora, esta não seja uma lei escrita, é exercida com uma violência simbólica e contumaz, tornando a escola um lócus opressivo e carente de inclusão sendo um espelho de diferentes desigualdades sociais.

Nesse cenário, certamente usufruindo-se das brechas legislativas que normatizam a educação e do círculo vicioso na qual ela está presa, é inegável que o processo de ensino-aprendizagem fica comprometido e onde deveria ser o espaço de produção do saber e de valores coletivos passa a funcionar como “depósito de pessoas”. Aqui estamos nós, alunos e profissionais da educação. E não é por acaso que prefaciamos este posfácio falando sobre o estado atual da educação pública brasileira e não dos textos dessa coletânea.

Assim sendo, em lugar de ser a morada em que se frutifica o saber/sabor¹ da aprendizagem se apresenta como espaço desertificado, pois, acaba por reforçar a cultura hegemônica de segregação e manutenção da ordem estabelecida, em outras palavras, a inoperância ou a “aparente imagem de sucesso” da escola pública só precisa continuar do jeito que está para a manutenção dos privilégios seculares.

A responsabilidade de ensinar, de produzir saber, de criar elos afetivos e aprendizagens significativas a partir de um campo de experiências (do conjunto de saberes historicamente construídos pela humanidade)² para horizonte de expectativas para a construção de um projeto de futuro que atende suas demandas de existência fica seriamente comprometida. E a inquietação sobre o que fazer se impõe...

¹ Nietzsche, F. (2012). *A Gaia Ciência*, (P. C. Sousa, Trad.). Companhia das Letras.

² Koselleck, Reinhart (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, (W. P. Maas & C. A. Pereira, Trad.). Contraponto; Ed. PUC-Rio.

Diante do exposto, a questão que surge é: “como enfrentar tudo isso?” “Como reatar o elo entre ensino/aprendizagem e a vida? “Como fazer da escola um espaço aprazível, de acolhimento e cuidado?” Como enfrentar o processo de desertificação da escola e da aridez das ideias?

Talvez não tenhamos respostas para todas essas questões, mas partindo da premissa que se a escola de fato passa por um processo de desertificação, o primeiro ponto seria prosseguir a partir dos “oásis” do espaço escolar e estabelecer comunicações entre eles, para que aos poucos recuperemos o espaço escolar e a sua integralidade.

Um dos “oásis” do espaço escolar que encontramos está localizado na biblioteca escolar, espaço este, muito desprezado tanto pelas autoridades públicas que insistem em pressionar a escola para fazer deste um depósito³ como também da grande maioria dos alunos que não a frequentam.⁴ Contraditoriamente, esta indiferença despreza a morada do saber, uma fonte inesgotável de conhecimento, seguindo a alegoria do Editorial que abriu este documento, a biblioteca escolar constitui-se uma verdadeira árvore cujas folhas, frutos, galhos e raízes possuem poder e fertilidade transformadora.

A descoberta desse “oásis” foi feita pelos próprios estudantes que por uma ligação afetiva pela leitura criam o “Clube da Leitura” onde desde então, passa a ser um local de acolhimento, cuidado e criação e consolidação de laços afetivos de amizades e de trocas de experiência em torno da prática da leitura. Aqui não há uma resposta, mas um diagnóstico: a existência dos textos literários acima, ocorreu pelo encontro entre leitura e leitores. Este encontro possui lugar: a [desprezada] biblioteca.

O processo de revigoramento do espaço escolar partiu das iniciativas dos próprios estudantes acompanhados por alguns professores da unidade escolar (Prof.^a Márcia Baronio – matemática e responsável pela Biblioteca Escolar, o Prof. Dr. Cristiano Reis – historiador, Prof. Dr. Diego Sousa – língua portuguesa, e a Prof.^a Ms. Jennifer, sociologia). Livros unindo leitores, forjando o sentido de ser não apenas da biblioteca, como também da escola: ler e escrever o mundo.

³ Entre outras coisas, a biblioteca da nossa escola passa a ser os depósitos dos carrinhos de Chromebooks ofertado pelo governo do Estado de Mato Grosso, tornando o espaço inadequado ao fomento da prática da leitura.

⁴ Senado Federal. (2025, outubro). *Cultura da leitura em declínio e o avanço do analfabetismo funcional no Brasil*. Senado Notícias.

Foi, justamente, este desprezioso e pequeno núcleo de leitores que foram o motor inicial do clube da leitura a partir do qual foram ganhando vida novas ideias e eventos escolares que marcavam a celebração da produção literária por meio da leitura e da escrita como visto neste dossiê que tivemos a satisfação de organizar.

Tais encontros a partir de então, ficaram marcados pela premissa da horizontalidade do saber e da curadoria individual dos integrantes do grupo (alternando entre professores e estudantes nesse processo), durante o espaço de tempo determinado pelo intervalo escolar, o que dava cerca de quinze minutos nas quartas-feiras para ler e discutir a referência de leitura daquele encontro.

Como se percebe, as leituras, discussões, reflexões e até mesmo inflexões⁵ ocorriam nesse curto intervalo de tempo de quinze a vinte minutos e de fato, colocava o condicionante dos curadores da leitura da semana não escolherem obras monumentais em números de páginas.

Diante dessas condições, as leituras eram pautadas em poesias, crônicas, contos, resumos, letras de músicas, novelas etc. constituindo um momento de aprendizado coletivo entre professores e estudantes e apreciação de diferentes autores que iam desde clássicos como Franz Kafka a artistas como “Engenheiros do Avai”.

Nossas palavras, de sorte, não refletem o que este dossiê representou para nós professores, alunos e toda a comunidade escolar. Mas vale dizer que em um período de dureza e infertilidade no campo da educação e no contexto social onde nossa escola está inserida, flores podem e nasceram do asfalto. Estudantes com toda a sorte de problemas e desafios encontraram não um ponto de fuga, mas de saída: lerem e escreverem seu lugar no mundo. Viva a Literatura!

Recebido em 05/01/2026

Aceito em 21/01/2026



<https://doi.org/10.67204/riel.v4i7.2983>

⁵ A ressonância da ideia de inflexão na filosofia de Gilles Deleuze remete um pensamento que se desdobra no próprio sujeito. Ver Deleuze, G. (1991). *A dobra: Leibniz e o Barroco*, (L. B. L. Orlandi, Trad.). Papirus.